

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O enovelamento conflituoso nas relações de gênero em assentamentos de reforma agrária: olhares de uma trajetória de pesquisa

Marisa de Fátima Lomba de Farias*

Resumo: Os aspectos intrafamiliares observados na trajetória de pesquisa em assentamentos de reforma agrária sul-mato-grossenses levaram-nos a desenvolver uma análise em que se destacam as relações compondo um enovelamento conflituoso por caracterizarem o vivido social pela ambigüidade e pela incerteza, em um movimento permanente entre a dominação e a libertação. A convivência com as famílias assentadas tem revelado que as mulheres desejam participar da vida rural em suas variadas dimensões e que almejam decidir, inclusive, nos rumos do projeto familiar, que contempla o circuito da produção e da vida social mais ampla. Esse desejo é alimentado dia após dia e aflora como forma de resistência nas mais variadas situações, contra o poder patriarcal em prol do empoderamento das mulheres.

Palavras-chave: família, empoderamento, representações.

Abstract: The intra-familial aspects observed in the research trajectory in sul-mato-grossenses agrarian reform settlements have led us to carry out an analysis in which the relationships are highlighted. Thus, these relationships are meant to be a conflicting engagement as they characterize the social living as both ambiguous and uncertain in a permanent movement from domination to freedom. The coexistence of settled families has shown that women long to participate in rural life in its various dimensions and they also long to make decisions as for the family project trajectory which contemplate the production circuit and wider social life. Women wish this more and more day after day and this wish comes as a way to resist patriarchal power in several situations in order to promote women's empowerment.

Key Words: family, empowerment, representations.

1. Introdução

Os aspectos intrafamiliares observados na trajetória de pesquisas em assentamentos de reforma agrária sul-mato-grossenses levaram-me a desenvolver uma análise em que se destacam as relações sociais compondo um enovelamento conflituoso, uma vez que caracterizam o vivido social pela ambigüidade e pela incerteza, em um movimento permanente entre a dominação e a libertação.

Sabe-se que, historicamente, nesses espaços, a união entre homem e mulher compôs um cenário de relações familiares que se combinou e/ou se fortaleceu com o trabalho na terra, constituindo espaços diferenciados para um e para outro. Trata-se de um espaço social estruturado por diferenciações de gênero, ou seja, pela divisão social e sexual do trabalho, em que a mulher, apesar de atuar duramente na roça e de ser responsável por uma ampla carga de trabalho e de responsabilidades, – a gestação e o cuidado para com os filhos, o preparo da comida, a dimensão da casa, além da manutenção dos seus arredores e a responsabilidade com os animais domésticos –, teve sempre sua importância relegada a um segundo plano principalmente no âmbito político/decisório.

Além disso, embora, o espaço de atuação da mulher se estendesse até a roça, verificase que ela continuava em uma posição inferior ao espaço do marido, detentor da autoridade de decisão sobre o âmbito da produção, permitindo a inferência de que as atividades por ela desempenhadas estiveram interligadas à dimensão da reprodução familiar e, mais, à dimensão simbólica de um saber-fazer que lhe era próprio, envolvendo capacidade física e criativa, sobretudo de lidar com a casa e, ainda, de participar da produção.

As pesquisas atuais indicam que essas características ainda persistem, porém elas se apresentam revestidas com outras roupagens, o que me leva a investigar esse contexto como sendo uma confluência/conflito entre terra-trabalho-mulheres-homens, em que a família é o núcleo central e nela as relações de gênero são fundamentais.

A convivência com as famílias assentadas tem revelado que as mulheres desejam participar da vida rural em suas variadas dimensões e que almejam decidir, inclusive, os rumos do projeto familiar que contemplam o circuito da produção e da vida social mais ampla. Esse desejo é alimentado dia após dia e aflora como forma de resistência simbólica nas mais variadas situações. Por isso, constata-se que, atualmente, elas vivem um movimento de resistência e de questionamento de diversas expressões de dominação, que se direcionam aos sentimentos, às proibições, ao controle dos desejos e dos movimentos femininos.

Portanto, evidencia-se que no patriarcado as famílias estabelecem ações em dois âmbitos: da mesma forma que há o poder e a dominação masculina, alicerçada no controle sobre as mulheres, também está aflorando um outro poder que vai sendo gestado mediante as formas de resistências femininas ao campo de força masculino. Nos momentos de informalidade, tais conflitos foram apresentados mais facilmente, pois as mulheres não demonstraram receio e trouxeram à tona, além dos elementos de sua intimidade, os seus medos e inseguranças, revelando as suas estratégias contra a dominação patriarcal.

Quanto aos mediadores, observa-se que a dominação masculina também se apresenta, mesmo que em sua organização interna. Porém, os mediadores tentam construir práticas mais igualitárias, o que mantém um equilíbrio mais teórico do que prático entre as participações masculina e feminina nas instâncias de decisões, dentre outras medidas.

Isso se evidencia nas situações de algumas mulheres que conquistaram uma posição de liderança no processo de luta pela terra. Essas mulheres participaram de todas as esferas de organização do acampamento, mas posteriormente tiveram essa conquista sufocada e interrompida pelo processo de dominação patriarcal nos meandros das relações com os mediadores. Estes apresentaram uma hierarquia de poder masculino, arraigado em seus princípios de organização que corroboraram uma prática de desvalorização do papel das mulheres como trabalhadoras rurais e lideranças políticas, mantendo representações preconceituosas.

Contudo, com este trabalho, quero revelar a importância das estratégias de empoderamento, construídas pelas mulheres assentadas, que vêm contribuindo para o questionamento do poder patriarcal e para a construção de relações de maior igualdade.

Diante disso, meu objetivo central é compreender o enovelamento conflituoso nas relações de gênero, observando, mais especificamente, as estratégias de resistências femininas nos diferentes espaços dos assentamentos, o que constitui alternativas de empoderamento e de questionamentos sobre as desigualdades de gênero e a dominação patriarcal que impõem a elas, muitas vezes, uma condição de “passividade ou de ajudante”.

Essa preocupação é desvelada por meio de estudos de documentos, de observações e de entrevistas que apontam os meandros das relações sociais constituídas entre os entes familiares, tomando como ponto de partida, e em sua centralidade, as relações de gênero.

Para isso, reflito acerca do controle exercido pelo poder patriarcal – sabe-se que intrínseco às esferas sociais, desde a família até as instituições mais amplas –, com destaque ao controle masculino sobre o tempo-espaço nas relações de gênero, dialeticamente enoveladas.

2. A trajetória de pesquisa: caminhos e descaminhos delineados em um *continnun* nos assentamentos de reforma agrária

Neste momento, considero importante demonstrar a concepção de pesquisa que orienta minhas ações nos assentamentos de reforma agrária, o que resulta em uma postura de respeito diante das famílias.

Os processos investigativos em andamento¹ se apresentam como uma oportunidade para o aprofundamento das pesquisas iniciadas por mim, no Mestrado e no Doutorado, com o principal objetivo de me inserir nesse contexto, com um grau maior de experiência e um conjunto mais qualitativo de conhecimentos construídos também por meio de estudos, de leituras, de debates, nos caminhos e descaminhos da pesquisa. Dessa forma, comprova-se um *continnun* no processo de tornar-me pesquisadora, um processo ininterrupto, haja vista a complexidade do real e suas múltiplas facetas.

Penso se tratar de uma alternativa profícua para as minhas reflexões sobre a temática de relações de gênero, aprofundadas nos assentamentos de reforma agrária, ampliando para outros espaços sociais.

Procuro compor um processo articulado teórica e metodologicamente para o entendimento dos assentamentos de reforma agrária como espaços conflituosos, de continuidades e descontinuidades, com a presença marcante de relações de gênero acontecendo a partir de um enovelamento de conflitos. Para estudar esses espaços, é fundamental o desenvolvimento de pesquisas qualitativas que criem alternativas e propostas de emancipação humana, de participação com respeito entre mulheres e homens, em todos os espaços sociais e políticos, seja no interior dos assentamentos, seja além desses espaços-tempos. (FARIAS, 2002).

Defendo que estudar a vida nos assentamentos trará contribuições de fortalecimento das identidades dos/as trabalhadores/as rurais que necessitam criar mecanismos que os/as coloquem com possibilidades de produção, sem que as concepções economicistas estruturadoras do mercado, os enfraqueçam e os impeçam de permanecerem na terra, pela qual, a maioria das famílias enfrentaram o poder do latifúndio para conquistarem.

As pesquisas devem ser efetivadas com o intuito de entender as nuances da vida acontecendo em meio a variados projetos: do Estado, dos movimentos sociais e das próprias famílias, que procuram fazer deste novo lugar, o espaço de vivências de sociabilidade e de

¹*Doutora em Sociologia, professora de Ciência Política da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente, conta com projetos aprovados e financiados pela FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) e pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que possibilitam a ampliação de pesquisas cujos resultados parciais compõem este artigo. Endereço eletrônico: marisa.lomba@ufgd.edu.br.

As pesquisas, relatadas durante este trabalho, são desenvolvidas em Mato Grosso do Sul e delas participo como coordenadora ou como pesquisadora colaboradora, sendo elas: Vida de Mulheres em Assentamentos de Reforma Agrária no Município de Itaquiraí-MS (UFGD/FUNDECT – Pesquisadora Coordenadora, Marisa de Fátima Lomba de Farias), Assentamentos Rurais no Sul de Mato Grosso do Sul: estudos econômicos e sociais das mudanças no meio rural. (UFGD/CNPq/ FUNDECT – Pesquisadora Coordenadora) Retratos da Vida nos Assentamentos Taquaral e Sul Bonito: as fotografias como instrumentos reveladores da (re) construção de novos lugares. (UFGD/FUNDECT – Pesquisadora Coordenadora, Alzira Salete Menegat) Religiões, Religiosidades e Cultura Política nos Movimentos e Assentamentos Rurais na Porção Meridional de Mato Grosso do Sul. (UFGD/FUNDECT – Pesquisador Coordenador, Damião Duque de Farias).

articulação das experiências anteriores com as atuais². Penso que as famílias não negam o modo de vida que trazem em suas trajetórias, mas procuram elementos antigos e atuais para a recomposição do projeto de vida. Trata-se de um processo favorável para a permanência na terra e para o questionamento de modelos impostos com características economicistas.

Entendo que essa escolha teórico-metodológica é muito significativa, tendo em vista a riqueza que pressupõe, ao apresentar a realidade sob a ótica de variados atores sociais – as mulheres e homens assentados, os/as pesquisadores/as –, envolvendo passado e presente, e levando para o futuro a perspectiva de permanência na terra. Acredito no fortalecimento/reconstrução das identidades daquelas pessoas que viveram na terra e a ela desejam voltar, ou outras que vislumbram na terra a possibilidade de uma vida mais digna, mesmo com uma vida urbana anterior.

3. Vida de mulheres: um enovelamento conflituoso

A partir dessa trajetória de pesquisa relatada anteriormente, afirmo que as histórias são escritas e reescritas pelas famílias, pelo MST e pelos agentes do Estado, na composição de um *nó*³. Porém, neste momento, volto-me especificamente para a vida das mulheres, sem perder a visão de totalidade e sem desconsiderar a participação dos outros atores, mas faço um recorte necessário principalmente diante da limitação de espaço.

Para analisar esse conjunto de relações conflituosas, empreguei a noção metafórica do *nó* retirada de outro contexto temático nos trabalhos de Saffioti⁴ que discute a justaposição entre as relações de classe, de raça/etnia e de gênero. Meu objetivo é apresentar esta justaposição, um enovelamento conflituoso dos sujeitos sociais nos assentamentos pesquisados, caracterizando o vivido social pela ambigüidade e pela incerteza, em um movimento permanente entre a dominação e a libertação.

Procuro devolver o conceito do *nó* para um lugar mais próximo do tema de sua origem em Saffioti na medida em que analiso as relações de gênero, ou seja, as relações sociais constituídas entre as mulheres e os homens, e entre eles e os demais entes familiares, tomando como ponto de partida e em sua centralidade, as relações de gênero.

² Cf Obras de THOMPSON, E. P., nas Referências Bibliográficas.

³ Tomei de empréstimo, de Heleieth I. B. Saffioti, a idéia de *nó*, enquanto um recurso metodológico, tendo em vista a compreensão dos conflitos nos assentamentos de reforma agrária, não vistos de modo hierarquizado, mas visualizados e entendidos de maneira relacional.

⁴ Cf. Referências Bibliográficas.

Entendo que o *nó* caracteriza-se pela positividade e negatividade dos conflitos, estruturando uma realidade ambígua e dialética. Considero estes elementos como possibilidades de transformação e de reconstrução da realidade social.

O *nó* apresenta uma dinâmica própria com possibilidades de mobilidade interna de cada componente seu, ele é frouxo; é, sobretudo, movimento, percebido na leitura das entrelinhas dos discursos e das práticas sociais, das quais emergem os conflitos, a ambigüidade da vida feita de mudança e de conservação e a incompletude da travessia.

Observei, desse modo, que a história da vida destas mulheres se escreve e se reescreve nesta travessia, nas relações sociais abertas e tecidas no cotidiano, onde parece que nada se completa, tudo se refaz, em um movimento de descontinuidade ou, talvez, com uma continuidade maior.

Entre as mulheres, a ambigüidade se faz presente nos sonhos e nas estratégias de resistências, em que o novo nem sempre é engendrado e o antigo imerge e emerge ao longo da experiência efetivada dia após dia, como se tentassem a todo instante, ultrapassar de uma margem a outra de um rio, uma travessia que implica esforços e tentativas variadas.

Portanto, não há precisão do ponto de partida e nem do ponto de chegada, o caminho se faz na travessia, cujo prelúdio foi o acampamento, um começo do longo percurso a ser vivido, sem rumo definido ou seguro. No assentamento, as mulheres continuam as tentativas constantes de permanência na terra, às vezes, com sucesso, mas também com fracassos, desistências e desilusões, ao lado da família. Um percurso que confirma: “a vida é difícil de ser vivida” (ROSA, 1963).

E quando lanço o olhar para as relações de gênero, digo que a travessia é uma constante na vida das mulheres, na busca de convivências de maior igualdade, de participação política, de reconhecimento de suas atividades no lote, um esforço de superação dos obstáculos da travessia para alcançar a outra margem do rio, que poderá resultar em descanso, em repouso, em prazer, ou seja, em plenitude na convivência com os entes familiares.

Acredito que tal superação ocorre na relação dialética do “existente com seus possíveis”⁵. Ou seja, o real e as condições materiais de existência das mulheres e dos homens possibilitam ou impedem tais possibilidades de superação da realidade atual, vislumbrando o futuro diferente. E a transformação da realidade objetiva é social e histórica, mas não é livre de conflitos, é um enovelamento.

Nesse íterim, o projeto familiar é um componente importante no conjunto de elementos que promovem alterações no tecido social. Ele comporta as manifestações

⁵ Cf. Obras de LEFEBVRE, H., nas Referências Bibliográficas.

culturais, o conjunto de valores, a visão de mundo, os gestos, os papéis sociais, enfim, todo o saber-fazer; expressões arraigadas no conjunto das pessoas, isto é, a experiência acumulada na trajetória de vida, em que os sujeitos – mulheres e homens – buscam a realização de suas paixões, de suas metas, de seus sonhos: a conquista de um futuro melhor e mais feliz.

Nessa travessia, que envolve também o projeto familiar, as mulheres e os homens fazem escolhas, não aleatórias, mas com significações e singularidades próprias. São como deveriam ser: planejadas, pensadas e articuladas com um mundo já construído nas experiências anteriores, que não se desfazem, mas se reconstroem. Por isso, os ajustamentos/modificações no projeto familiar são importantes e necessários, em um enovelamento entre passado, presente e futuro.

A vida das mulheres nos assentamentos de reforma agrária se faz/refaz cotidianamente nessa travessia, que penso, que se constitui em um ir e vir conflituoso em uma sociedade que negligencia outros sentidos possíveis, presentes na construção do conhecimento e nas alternativas de explicação da condição humana, da condição de mulher: os mitos, a imaginação, a estética, a subjetividade, a ética, a poesia.

Enfim, as mulheres estruturam mecanismos de resistência mediante a experiência individual e coletiva no processo de luta pela terra, mais especificamente, nos assentamentos – o lugar de moradia – palcos que reúnem as emoções, as angústias, os sonhos, as expressões culturais, enfim, a vida em todas as dimensões humanas.

A vida das mulheres é intercalada por vivências na busca de novas relações sociais com o intuito de afastar as imposições patriarcais. Para isso, a partir de um esforço pessoal, elas utilizam estratégias, como estarem presentes em grupos e em espaços de poder no interior dos assentamentos. Essa presença gera processos de empoderamento, pautados na aceitação e na composição livre de cada mulher que nutre o desejo de controlar seu próprio destino e que não nega o passado/o vivido, mas que cria relações mais amplas com consciência, com vitalidade e com lucidez.

Por tudo isso, penso em uma pluralidade de mulheres e de homens de diferentes grupos sociais e étnicos, uma vez que não há uma mulher e um homem enquanto gênero universal. Procuo entender as complementaridades com uma junção necessária, entre raça/etnia-gênero-classe social, o que demonstra a imagem metafórica do *nó*, utilizada por Saffioti (2004), compondo a análise da realidade como uma articulação, de modo qualitativo e não de modo quantitativo, com o intuito de analisar o enovelamento patriarcado-racismo-capitalismo e criar mecanismos de ruptura.

Para essa ruptura, acredito na perspectiva positiva do poder que deve se constituir a partir de um processo dialógico, pois as pessoas precisam participar com responsabilidade e compromisso político. Esse poder pressupõe e busca alcançar a igualdade entre mulheres e homens, implica também acesso a bens e ao poder de ambos. Portanto, o processo de empoderamento da mulher transforma as relações de gênero e é pré-condição para a obtenção da igualdade de direitos entre homens e mulheres. O “[...] empoderamento da mulher implica mudanças não apenas em suas próprias experiências, mas também nas de seus companheiros e familiares.” (DEERE; LEON, 2002: 55).

Referências Bibliográficas

DEERE, Carmen Diana; LEON, Magdalena. *O Empoderamento da Mulher: direito à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Tradução Leticia Vasconcelos Abreu, Paulo Azambuja Rossato Antinolf, Sônia Terezinha Gehring. Porto Alegre, RS: Editora UFRGS, 2002.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Assentamento Sul Bonito: as incertezas da Travessia na Luta pela Terra*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002.

LEFEBVRE, H. *La presencia y la ausencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MARTINS, J. S. (Org). *Henri Lefebvre e o retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MURARO, R.M.; BOFF, L. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

ROSA, Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editora, 1963.

SAFFIOTI, H. I. B. *A Mulher na sociedade de Classes: mito e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

_____. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica)

_____. Rearticulando gênero e classe. In.: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. *Violência de Gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

_____. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.